

UFRGS – INSTITUTO DE LETRAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GRAMÁTICA E ENSINO DA
LÍNGUA PORTUGUESA – 7ª EDIÇÃO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ADELINE STEIN

A CONJUNÇÃO ADVERSATIVA “MAS” COMO MECANISMO DE
COESÃO EM TEXTOS ESCOLARES

Porto Alegre, março 2014.

A CONJUNÇÃO ADVERSATIVA “MAS” COMO MECANISMO DE COESÃO EM TEXTOS ESCOLARES

Adeline Stein (Autora)
Luisandro Mendes de Souza¹ (Orientador)

Resumo: o presente artigo apresenta um estudo sobre a conjunção adversativa “mas” do ponto de vista da Linguística Textual. Depois de discorrer sobre o que pensam alguns gramáticos e linguistas, são analisados textos escritos por alunos do 8º e do 9º anos do Ensino Fundamental de uma escola pública localizada na periferia de Porto Alegre/RS. O estudo aponta que o enfoque tradicional não é suficiente para analisar as relações semânticas possíveis e para a necessidade de um trabalho intenso com os alunos.

Palavras-chave: Conjunção. Operador. Semântica. Texto.

Introdução

Se um texto estiver bem escrito, o leitor não perderá a noção de conjunto, pois perceberá a conexão entre suas partes. Os gramáticos tradicionais consideraram, no máximo, a oração como foco de estudo; então coube a outros estudiosos investigar o texto. Embora, se houver uma observação cuidadosa, verificar-se-á que a classificação das conjunções pela tradição gramatical não segue critérios estruturais, antes, é essencialmente semântica.

Existem critérios que definem um texto. Por exemplo, para Beaugrande & Dressler (1983 *apud* VAL, 1999, p. 5), são sete os “fatores responsáveis pela textualidade de um discurso qualquer: a *coerência* e a *coesão*, que se relacionam com o material conceitual e linguístico do texto, e a *intencionalidade*, a *aceitabilidade*, a *situacionalidade*, a *informatividade* e a *intertextualidade*, que têm a ver com os fatores pragmáticos envolvidos no processo sociocomunicativo”.

Pensando no critério “coesão”, Koch (1989, p. 19) diz que “o uso de elementos coesivos dá ao texto maior legibilidade, explicitando os tipos de relações estabelecidas entre os elementos linguísticos que o compõe”. Há vários fatores que influenciam a coesão de um texto, dentre eles a conexão, que se dá por meio dos conectores. Os conectores, por sua vez, também são variados (conjunções, alguns advérbios e expressões de ligação etc.). A partir disso, esta pesquisa se propõe a estudar um mecanismo de coesão: a conjunção adversativa.

¹ Professor da 7ª. Edição do Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa – UFRGS.

Serão apresentadas considerações de gramáticos e linguistas nas seções 1 e 2 deste artigo. Na terceira parte do trabalho, será analisado um *corpus*, constituído de textos de alunos, com a intenção de ser verificada a forma como eles utilizam o “mas”.

1 A conjunção

1.1 A conjunção nas gramáticas

Em suas gramáticas, Celso Cunha e Lindley Cintra (1985), Rocha Lima (1997) e Celso Pedro Luft (2000) expõe conceitos muito parecidos a respeito das conjunções e classificam-nas conforme a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira), de 1959: coordenativas (aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas) e subordinativas (integrantes, causais, comparativas, concessivas, condicionais, conformativas, consecutivas, finais, proporcionais e temporais).

Cunha e Cintra (1985, p. 565) definem as conjunções como “vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração”. Eles ainda destacam que a NGB inclui as conformativas e proporcionais, mas que a NGP (Nomenclatura Gramatical Portuguesa) não as distingue das comparativas.

Lima (1997, p. 184) diz que as conjunções são palavras que relacionam entre si ou dois “elementos da mesma natureza” (substantivo + substantivo, oração + oração etc.) ou duas “orações de natureza diversa, das quais a que começa pela conjunção completa a outra ou lhe junta uma determinação”. Em suas observações finais a respeito do assunto, escreve que especialmente as adversativas, as aditivas e as alternativas se prestam a relacionar termos da mesma natureza gramatical; por exemplo: *Janaína trabalha bem, mas vagarosamente* (advérbio + advérbio); *Alice e Raquel estão conversando* (substantivo + substantivo); *Estou em dúvida se estudo ou trabalho* (verbo + verbo).

Para Luft (2000, p. 141), a conjunção é uma palavra gramatical invariável “que estabelece coordenação ou subordinação entre dois membros da oração ou entre uma palavra e uma oração, entre duas orações, e, mais raramente, entre dois períodos”. Utiliza o termo “conetivo” e explica que ele estabelece “conexão entre palavras, orações ou frases” (p. 138).

Embora Othon Garcia (1986) não tenha escrito uma gramática, ele se dedicou ao estudo da nossa língua. Por sua vez, José Carlos de Azeredo (2011) e Marcos Bagno (2011), dois linguistas, escreveram gramáticas atualizadas e focadas no português brasileiro.

Garcia (1986) não dá nem conceito, nem classificação das conjunções, porém faz considerações interessantes a respeito desses conectores. Por exemplo, ele escreve que, em situações complexas, a presença dos conectivos e locuções de transição se torna quase sempre indispensável para entrosar orações, períodos e parágrafos e diz que as conjunções coordenativas também ligam sintagmas (palavras ou grupos de palavras), relacionando ideias ou pensamentos. Este estudioso é contemporâneo dos três gramáticos apresentados no início deste trabalho, mas extrapola o limite da frase em seus estudos. Cabe ressaltar que sua preocupação era com estilística, principalmente; preocupação essa também presente nas gramáticas tradicionais, embora o enfoque principal delas esteja na descrição da norma culta e nas regras do bem falar e escrever, que pode ser encarada também como uma tarefa ‘retórica’ ou ‘estilística’.

A gramática de Azeredo (2011) não só trata da norma padrão, mas também descreve (de forma sincrônica) aquilo que é próprio do português brasileiro, apresentando variedades da língua como formas válidas de expressão. O autor introduz o assunto desta pesquisa assim: “Digamos, por enquanto, que a conjunção é um elo através do qual duas orações se articulam no texto”, para depois explicar que sempre existe uma “intenção de sentido na origem de qualquer articulação de duas unidades de informação no discurso” (p. 293), as quais, na maioria das vezes, são explicitadas por meio de conjunções.

Bagno (2011) considera que conjunções, advérbios e preposições são de difícil categorização. Ele não dá um conceito geral para “conjunções” e informa que alguns autores as chamam de conectores (termo utilizado por Garcia e Luft, por exemplo) por ligarem termos entre si. Ele relembra a tradicional divisão nas subclasses coordenativa e subordinativa, para depois sugerir a inclusão de outra subclasse, a correlativa, que tem sido proposta por outros pesquisadores também. As conjunções utilizadas nas correlativas ocorrem sempre em duplas (ex.: *não só... mas também, não só... mas etc.*), introduzindo “sentenças que estão em interdependência, a meio caminho entre a coordenação e a subordinação” (p. 886).

1.2 A conjunção em teorias do texto/discurso

Tomando o texto como objeto central de seus estudos, esta pesquisa também se utilizará de reflexões feitas por Ingedore Grunfeld Villaça Koch e Eduardo Guimarães.

Como estudiosa preocupada com a análise do discurso, Koch (1989, p. 22) escreve que a “conjunção (ou conexão) permite estabelecer relações significativas específicas entre elementos ou orações do texto”, para depois citar como principais tipos de conjunção aqueles elencados por Halliday & Hasan (1976 *apud* Koch): aditiva, adversativa, causal, temporal e continuativa.

O conector (que não são apenas as conjunções, mas também alguns advérbios e expressões de ligação) é chamado de “operador”: operador discursivo, por encadear o discurso, ou operador argumentativo, por determinar a orientação discursiva do enunciado.

Guimarães (1980 *apud* KOCH, 1984, p. 122) diz que “as conjunções coordenativas aparecem não só entre orações de um mesmo período, mas também encadeando orações de períodos diferentes ou encadeando parágrafos entre si”, devendo ser consideradas operadores de discurso, ao passo que as conjunções subordinativas “constituem simplesmente conetivos ou operadores do tipo lógico”.

Guimarães (2007) fala sobre os operadores argumentativos como elementos essenciais para a organização textual. Ele dá a descrição semântica de alguns operadores (a do “mas” será apresentada na próxima seção), levando em conta os conceitos de polifonia (conceito constituído por Bakhtin, que considera as diversas representações do sujeito da enunciação no enunciado) e de orientação argumentativa (é o modo de organizar o texto, de fazer a progressão textual: ora mantendo a orientação argumentativa, ora opondo orientações argumentativas, ora articulando argumento e conclusão). Também dá uma nova classificação para as conjunções: subordinativas, coordenativas e segmentativas (sendo que o “mas” aparece nas duas últimas).

2 A conjunção adversativa

Basicamente, as gramáticas tradicionais dizem que as conjunções adversativas são “mas”, “porém”, “contudo”, “todavia”, “entretanto”, “no entanto” e que essas conjunções são correlatas e servem apenas como elementos de ligação, sem distinções de uso.

Cunha e Cintra (1985, p. 565 a p. 571) dizem que as conjunções adversativas, além de ligarem dois termos ou duas orações de igual função, acrescentam uma ideia de contraste. Esses autores diferenciam-se de outros gramáticos normativos ao escreverem sobre os “valores particulares” assumidos pelas conjunções de acordo com a relação que estabelecem entre as palavras e as orações. Para o assunto determinado deste trabalho, interessam as observações que realizaram a respeito do “mas”, ao exibirem alguns de seus valores afetivos; por exemplo: *Podes ir, sim, mas temporariamente* (ideia de restrição); *Maria é quieta, mas não tímida* (ideia de retificação); *Mário estava triste, mas disfarçava* (ideia de atenuação); *Perdeu o ano letivo, mas conheceu países interessantes* (ideia de compensação); *A ararinha-azul é bela, mas, principalmente, rara* (ideia de adição).

Lima (1997, p. 185) diz apenas que as adversativas relacionam pensamentos contrastantes, sendo o “mas” a conjunção adversativa por excelência, e afirma que as outras (“porém”, “contudo”, “todavia”, “entretanto”, “no entanto”) apenas acentuam “uma espécie de concessão atenuada”.

Luft (2000, p. 142) é bem sintético e diz que as adversativas “denotam contraste, compensação: mas, porém, etc.”. Nas suas observações diz que as verdadeiras conjunções são três: “e” (aditiva), “ou” (alternativa), “mas” (adversativa).

Garcia (1986) escreve sobre o vocabulário da área semântica de oposição, mostrando palavras ou expressões de várias classes gramaticais que indicam oposição ou contraste e dizendo que algumas apresentam tonalidade afetiva ou encerram a ideia geral de “obstáculo”. Dentre os oito itens, trata das conjunções adversativas e diz que são: “mas”, “porém”, “contudo”, “todavia” “entretanto”, “no entanto”, “senão”, “não obstante” (que também funciona como preposição); o autor também menciona que essas conjunções dão a ideia de restrição e de ressalva.

Conforme Koch (1984, p. 107), o pesquisador da linguagem Oswald Ducrot considera que “mas” é o operador argumentativo por excelência, e assim pensam os estudiosos a seguir.

Azeredo (2011, p. 305 - 307) considera ser o “mas” a conjunção adversativa típica que expressa basicamente uma relação de contraste entre dois fatos ou ideias (o valor contrastivo pode consistir numa oposição entre dois conteúdos ou na quebra de uma expectativa criada pela primeira proposição). Ainda diz que o “mas” pode: produzir efeitos de realçar o fato ou ideia introduzida; atenuar um pressuposto mencionado anteriormente; ligar orações que estejam subordinadas a uma mesma oração principal; ser usado como meio de focalização² e expressar uma focalização contrastiva caso antecedido por “não” (ou substituído por *senão*). Azeredo escreve que “porém”, “contudo”, “entretanto”, “no entanto” e “todavia” são tradicionalmente classificadas como conjunções, mas possuem características parecidas com os advérbios.

Bagno (2011, p. 891) afirma que a verdadeira conjunção adversativa é “mas” e que as formas “porém”, “contudo”, “todavia”, “entretanto” e “no entanto” devem ser incluídas na classe dos advérbios; informando que o mesmo pensa “Perini (1996:45), Bechara (1999:322), Neves (2001:241), Azeredo (2008:306) e Castilho (2010: 354)”.

Os principais trabalhos de Ducrot (que construiu a Teoria da Argumentação na Língua com Jean Claude Anscombe, teoria hoje desenvolvida por Marion Carel) chegaram ao Brasil impressos nas teses e nas traduções de seus livros por Ingedore Koch, Carlos Vogt e Eduardo

²Azeredo (2011, p. 94): “A combinação de informação dada (*tópico*, parte inicial da frase declarativa padrão) e informação nova (*foco*, parte final da frase declarativa padrão) é um requisito fundamental da progressão temática do texto. O tópico é o ponto de partida da frase declarativa, a unidade de informação sobre a qual se faz a declaração; o foco é a informação acrescentada, a novidade do enunciado.”

Guimarães. Suas ponderações sobre o “mas” serão aqui apresentadas conforme aparecem nas obras de Koch e Guimarães.

Inicialmente, convém observar que os estudos argumentativos sobre o “mas” levam em conta sempre a diferença entre dois tipos de “mas”: “masSN” e “masPA”. E que, quando se coordenam dois elementos semânticos **p** e **q** por meio do morfema “mas”, acrescentam-se a **p** e a **q** duas ideias distintas.

1. O “masSN” (que corresponde ao alemão “sondern” e ao espanhol “sino”) pode ser substituído por “ao contrário” e não permite uma descrição polifônica. Possui uma função opositiva, mas não argumentativa. A frase inicia com um enunciado negativo, então aparece o “mas”, que introduz um enunciado com função de correção de algo dito antes (suposta ou realmente). Exemplos: *Maria não está feliz, mas resignada*; *Não se escreve “almário”, mas “armário”*.

Características de “masSN”:

- a) a inversão das orações não é possível;
**Mas resignada, Maria não está feliz.*
- b) a transformação da frase em duas (colocando um ponto final antes de “mas”) não é possível;
**Maria não está feliz. Mas resignada.*
- c) a presença da negação na primeira parte da frase é necessária, essa negação afeta apenas a primeira parte da frase para que se possa afirmar o que está sendo introduzido pelo “mas”; então, a negação em *Maria não está feliz* não afeta *mas resignada*; e isso ocorre para que se possa afirmar o que está introduzido pelo “mas”;
- d) a transformação da frase declarativa em interrogativa é possível apenas modificando a pontuação final (a pergunta incidindo sobre a frase como um todo);
Maria não está feliz, mas resignada?
- e) o encadeamento do texto com “creio que” deve mostrar que a frase é tomada como um todo;
Creio que Maria não está feliz, mas resignada.
- f) a divisão da frase em duas partes, como se fosse um diálogo não é razoável;
* *Locutor 1 – Maria não está feliz.*
Locutor 2 – Mas resignada.
- g) a divisão entonacional no interior da frase se dá antes da conjunção;
note-se a possibilidade de: *Maria não está feliz / mas resignada.*
e a impossibilidade de: * *Maria não está feliz mas / resignada.*

- h) a correlação dos modos verbais existe, ou seja, a mobilidade modal é correspondente e existe concordância modal entre as orações;
em *Maria não está feliz, mas (está) resignada* aparece o modo indicativo expresso na primeira parte, e o modo indicativo subentendido na segunda parte ligado a uma forma nominal no participípio.

2. O “masPA” (que corresponde ao alemão “aber” e ao espanhol “pero”) possui uma função argumentativa e permite sempre uma descrição polifônica. Exemplos: *João está infeliz, mas irá viajar com a família no feriado*; *Alice estudou muito, mas não conseguiu passar no concurso*.

Características de “masPA”:

- a) a inversão das orações não é possível;
* *Mas irá viajar com a família no feriado, João está infeliz*.
- b) a divisão da frase em duas colocando um ponto final antes do “mas” é comum, também é possível um “mas” desse tipo introduzir todo um parágrafo que se opõe a um parágrafo anterior;
João está infeliz. Mas irá viajar com a família no feriado.
- c) o alcance da negação (se ela existir) só incide sobre a primeira parte da frase, ou seja, sobre a primeira oração;
no caso de se acrescentar um “não” à primeira parte (*João não está infeliz, mas irá viajar com a família no feriado*), é possível observar-se de que a negação não incide sobre a segunda oração (paralelismo e não dependência justificam isso: não incidir sobre tudo);
- d) a transformação em frase interrogativa não é possível, pois sua resposta não fará sentido;
* *João está infeliz, mas irá viajar com a família no feriado?*
- e) o modo de encadeamento no texto com “creio que” mostra que as orações são tomadas separadamente, pois o “creio que” incide apenas sobre a primeira oração;
em *creio que João está infeliz, mas irá viajar com a família no feriado* é possível constatar que “creio que” refere-se somente à primeira oração, tendo-se que *creio que João está infeliz* a que se encadeia *mas irá viajar com a família no feriado*;
- f) a divisão para dois locutores numa conversa é possível;
Locutor 1 – João está infeliz.
Locutor 2 – Mas irá viajar com a família no feriado.

- g) a divisão entonacional no interior da frase é possível, pois são dois grupos prosódicos que coincidem com as orações, a divisão entonacional se dá antes da conjunção; note-se a possibilidade de: *João está infeliz / mas irá viajar com a família no feriado.* e a impossibilidade de: * *João está infeliz mas / irá viajar com a família no feriado.*
- h) a concordância dos modos verbais não é necessária, embora haja o impedimento de que o subjuntivo apareça na oração principal, a diversidade modal revela a existência de dois atos ilocutórios;
- tanto é possível encontrar
João está infeliz, mas irá viajar com a família no feriado (modo indicativo: presente e futuro)
- quanto
João está (modo indicativo) *infeliz, mas confie* (modo imperativo) *que ele irá viajar* (modo indicativo) *com a família no feriado*
- mas não é possível
**João esteja* (modo subjuntivo) *infeliz, mas irá viajar* (modo indicativo) *com a família no feriado.*

Guimarães (2007) busca uma revisão da classificação dos operadores argumentativos conjuntivos do Português, dividindo-os em: coordenativos, segmentativos e subordinativos. Essa nova classe de conjunção, a segmentativa, interessa para este trabalho porque inclui o “masSN”, enquanto a coordenativa inclui o “masPA”. Para Guimarães, a relação de subordinação diz respeito à construção da oração; enquanto as relações de coordenação e de segmentação dizem respeito à construção do texto, por meio das relações textuais que estabelecem (por causa da progressão textual que promovem). As conjunções coordenativas apresentam: não dependência entre as orações envolvidas, paralelismo não obrigatório (a conjunção utilizada é que determina) e especificação da articulação tema/comentário. As conjunções segmentativas apresentam: dependência, paralelismo e especificação da articulação tema/comentário. As conjunções subordinativas apresentam: dependência, não paralelismo (essas duas características demonstram a relação hierarquizada) e especificação da articulação tema/comentário.

Guimarães (2007) opta por tratar as orações como “dependentes” ou “não dependentes”, pois, assim como Koch, em seus estudos, diz que, do ponto de vista enunciativo, não se pode pensar numa independência absoluta entre as orações. Então, se duas orações (ou dois elementos linguísticos) não constituem juntas uma outra oração, elas são: não dependentes (ou seja, dois elementos linguísticos constituem outro elemento, mas não de mesma natureza). Resumidamente,

“masPA” é coordenativa e estabelece relações de não dependência e “masSN” é segmentativa e estabelece relações de dependência.

Como trabalha com os conceitos de “tema” e “comentário”³ (introduzido pelo “mas”, no caso deste estudo) para a coordenativa, para Guimarães (discordando de Ducrot) não seria aceitável a inversão, pois ela tornaria o comentário tema e vice-versa: “para começar, observamos que a inversão não é possível tanto para os casos de orações não dependentes como para os de orações dependentes” (2007, p. 82).

Recapitulando, “masSN” é conjunção segmentativa que envolve um desdobramento de vozes ligadas à presença obrigatória da negação que aparece na primeira parte da frase; estudos demonstram que esse “mas” não estabelece orientação argumentativa, e “masPA” é conjunção coordenativa que estabelece orientação argumentativa.

Garcia (1986, p. 370) afirma que argumentar “é, em última análise, convencer ou tentar convencer mediante a apresentação de razões, em face da evidência das provas e à luz de um raciocínio coerente e consistente”, e Guimarães (2007, p. 193) diz que “a orientação argumentativa constitui o modo de construção da progressão textual”.

Estudos argumentativos sobre o “masPA” mostram que “em X, mas Y a continuação do texto se articula com a oração que tem o *mas* (articula-se com mas Y)” (GUIMARÃES, 2007, p.110), isso significa que o texto progride levando em conta a direção indicada pelo que veio introduzido pelo “mas”. Ainda conforme as ideias de Ducrot, Koch (1984, p. 147) diz que “enunciados do tipo X mas Y permitem sempre uma descrição polifônica, em que se atribui X a um enunciador diferente do locutor”; o texto vai se construindo na perspectiva do que está antes do “mas”, mas vai construindo um sentimento de adesão em relação ao que vem depois de “mas”:

1ª etapa: atribui-se a um enunciador *E1* o enunciado *P*, que constitui um argumento em favor da conclusão *r*, de modo que, dado *P* poder-se-ia concluir *r*. Esta asserção de *P* por *E1* é, portanto, introduzida no enunciado de um locutor *L* através da autoridade polifônica.

2ª etapa: o locutor *L* (= *E2*) assevera *Q*, argumento para *não-r*, de maneira que, dado *Q*, é-se levado a concluir *não-r*. O argumento contido em *Q* deverá ser mais forte em favor da conclusão *não-r* que o argumento *P* em favor de *r*, de tal modo que *p mas q*, *q, embora p* ou *embora p, q* sejam reconhecidos como argumentos para *não-r* (KOCH, 1984, p. 150).

Exemplo (Koch, 2012, p. 36): *A equipe da casa não jogou mal, mas o adversário foi melhor e mereceu ganhar o jogo.*

1ª etapa: atribui-se a um enunciador *E1* o enunciado *P* (*A equipe da casa não jogou mal*), que constitui um argumento em favor da conclusão possível *r* (*A equipe da casa merecia ganhar*).

³Guimarães (2007, p. 78) *Tema* é “o que se estabelece como começo na incompletude do discurso”, e *comentário* é “correlatamente ao tema, *comentário* é o que se diz a partir dele”.

2ª etapa: o locutor *L* (= *E2*) assevera *Q* (*o adversário foi melhor*), argumento para *não-r* (*A equipe da casa não merecia ganhar*).

3 Caracterização do *corpus*

O *corpus* desta pesquisa é formado por textos de alunos dos dois anos finais do Ensino Fundamental de uma escola da periferia de Porto Alegre. No terceiro trimestre de 2013, a biblioteca dessa escola promoveu um concurso que envolveu toda a escola. O concurso não determinou o tipo de texto a ser entregue e teve como tema o “meio ambiente”, que era o eixo temático da escola para o terceiro trimestre.

Para compor o *corpus* desta pesquisa foram recolhidos os 49 textos enviados pelos alunos do oitavo e do nono ano; dentre eles, 3 foram desconsiderados por serem plágio de letra de música. Dos 46 textos restantes, 40 são textos dissertativos (86,95%) e 6 (13,04%) narrativos. Em apenas 20 (40,81%) textos apareceram conjunções adversativas. Esses 20 textos que aqui serão considerados apresentaram um total de 29 conjunções adversativas “mas” (considerando-se também a forma “mais”, com 12 ocorrências).

3.1 Análise do *corpus*

Um dos papéis da escola é ensinar a língua-padrão de modo que o aluno possa ler e escrever diversos gêneros. Em vista disso, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais, as professoras de língua materna dos alunos participantes desta pesquisa, trabalham com diversos gêneros discursivos (anúncio publicitário, artigos de jornais e revistas, comunicação científica, editorial etc.), deixando a narração para os anos anteriores e buscando que os alunos consigam escrever textos dissertativos, por meio dos quais consigam se expressar de forma crítica e criativa. É de se observar, então, que predominou a entrega de textos dissertativos (quase 86,95%).

Todos os textos foram produzidos sob as mesmas condições (o concurso), não sendo possível ter acesso a cada produtor individualmente. Tendo em vista ser o tema do concurso um assunto trabalhado em várias disciplinas, já que era o eixo temático do trimestre, presume-se que foram variadas as leituras e discussões realizadas, e que elas serviriam como subsídios para a argumentação.

De um total de 29 conjunções adversativas, 17 vezes (58,62%) foi utilizado o “mas” e 12 vezes (41,37%) o “mais”. Bagno (2011, p. 889 a p. 892) relembra que “mas” tem sua origem no advérbio latino *magis*, de onde também provém o nosso advérbio “mais”, e que “mas” surgiu para marcar a diferença entre a conjunção e o advérbio; portanto, a forma “mais” é um arcaísmo e não uma inovação. A diferença gráfica entre “mas” e “mais” não costuma ocorrer na pronúncia, já que, na maior parte das variedades do português brasileiro, o “i” costuma também ser pronunciado na conjunção “mas”. Talvez por esses motivos, apareceram 12 “mais” no lugar de “mas” no *corpus* recolhido para este trabalho, mas, concordando com o pesquisador: “é pelo estudo de textos autênticos e pela análise cuidadosa das diferenças entre a conjunção e o advérbio que será possível levar os estudantes a se conscientizar das diferenças ortográficas”.

A partir de agora serão transcritos⁴ e analisados textos (integral ou parcialmente) que são representativos do que ocorreu no *corpus*.

Texto 1

“Vejam... nosso planeta está sendo poluído por nós mesmos, e nós nem estamos percebendo o mal que estamos fazendo.

Isso tudo começa quando as pessoas jogam lixo nas ruas, nos rios, em esgotos a céu aberto, parece que as pessoas não estão nem ligando, sendo que é aqui que vivemos, é aqui que iremos morrer também. Mas também não são todos que poluem, tem pessoas que cuidam, mas nem tanto.

Bom são muitas coisas acontecendo e para melhorarmos o nosso planeta teremos que nos unir e parar de jogar lixos no chão, no rio, e também as pessoas teram que parar de cortar as árvores, para fazer madeira.

Assim, teremos um mundo melhor.”

No primeiro texto aqui apresentado aparecem dois “mas”, um “masPA” e um “masSN” (o único do *corpus*), que podem ser analisados conforme Koch (1984 e 1989) e Guimarães (2007).

Inicialmente, destaca-se “mas também”, que não faz parte do operador argumentativo “não só... mas também” porque, não só não aparece a expressão “não só” no texto do aluno, mas também porque não estão somados argumentos a favor de uma mesma conclusão.

Esse é um “masPA”, pois tem função argumentativa. Quando se tem um “masPA” as orações não podem ser tomadas como um todo. A introdução de uma nova oração com o “mas”, opondo-se à oração anterior, é uma comprovação clara de que esse é um “mas” argumentativo. Observa-se que o argumento ao qual o locutor não adere, e que está antes do “mas”, peca pela generalização, enquanto o segundo, que está depois do “mas” e indica o posicionamento do locutor, não acrescenta nenhuma ideia interessante ao assunto; ele apenas atenua um pressuposto mencionado anteriormente (conforme Azeredo, 2011).

⁴A transcrição é *ipsis litteris*.

A utilização do “masPA” permite sempre uma descrição polifônica. Aquilo que está antes de “mas” (as pessoas não preservam o planeta) é atribuído a “vozes” indeterminadas, não pertencentes ao locutor (ou seja, a asserção é introduzida no enunciado do locutor por meio da autoridade polifônica). O que está depois do “mas” é o que o locutor quis realmente dizer (há pessoas que preservam o planeta); portanto, o texto progride levando em conta a direção indicada pelo que veio introduzido pelo “mas”.

Realizando a análise pormenorizada, conforme Koch e Guimarães, em relação ao “masPA”:

- a) a inversão das orações não é possível (observe-se que o “mas” inicia a oração, tecendo um comentário a respeito do que foi dito anteriormente);
- b) a divisão da frase em duas colocando um ponto final antes do “mas” é comum (e é isso o que ocorre neste texto)

Mas também não são todos que poluem, tem pessoas que cuidam [...]

- c) a transformação em frase interrogativa não é possível, pois sua resposta não fará sentido

** Isso tudo começa quando as pessoas jogam lixo nas ruas, nos rios, em esgotos a céu aberto, parece que as pessoas não estão nem ligando, sendo que é aqui que vivemos, é aqui que iremos morrer também. Mas também não são todos que poluem, tem pessoas que cuidam, mas nem tanto?*

- d) o modo de encadeamento no texto com “creio que” mostra que as orações são tomadas separadamente, pois o “creio que” incide apenas sobre a primeira oração

em creio que isso tudo começa quando as pessoas jogam lixo nas ruas, nos rios, em esgotos a céu aberto, parece que as pessoas não estão nem ligando, sendo que é aqui que vivemos, é aqui que iremos morrer também. Mas também não são todos que poluem, tem pessoas que cuidam, mas nem tanto é possível constatar que “creio que” refere-se somente ao que está antes do “mas”, estando a segunda parte, introduzida pelo “mas”, encadeada à primeira parte;

- e) a divisão para dois locutores numa conversa é possível

Locutor 1 – Isso tudo começa quando as pessoas jogam lixo nas ruas, nos rios, em esgotos a céu aberto, parece que as pessoas não estão nem ligando, sendo que é aqui que vivemos, é aqui que iremos morrer também.

Locutor 2 – Mas também não são todos que poluem, tem pessoas que cuidam, mas nem tanto.

- f) a divisão entonacional se dá antes da conjunção, o que é óbvio, visto que a conjunção inicia nova frase;
- g) a concordância dos modos verbais não é necessária, mas existe neste exemplo.

Em “tem pessoas que cuidam, mas nem tanto” há uma sequência introduzida por “masSN”, que tem um valor refutativo-retificativo. O autor afirma que “tem pessoas que cuidam” para depois introduzir o elemento de correção “mas nem tanto”, que corrige a oração antecedente. Isso significa que, mesmo quem cuida, não cuida muito? Então, poderia ser retirada a parte final “mas nem tanto” para permanecer a ideia de que “tem pessoas que cuidam” do planeta; mas, quem sabe, a convicção íntima do autor é, realmente, que quem cuida do planeta não cuida muito (“mas nem tanto”). É interessante considerar com atenção o fato de que por meio da análise do discurso é possível perceber o que o locutor realmente pensa sobre o mundo, às vezes mesmo quando o locutor não teve a intenção de se revelar. Também para comprovar que este é um “masSN”, Guimarães (2007) propõe a inclusão do “masSN” numa nova classe, a das conjunções segmentativas, que estabelece relações de dependência, o que pode ser constatado pelo fato de que “mas nem tanto” carecer de algo que seja expresso anteriormente para fazer sentido.

Realizando a análise pormenorizada, conforme Koch e Guimarães, em relação ao “masSN”:

- a) a inversão das orações não é possível
**Mas nem tanto, tem pessoas que cuidam.*
- b) a transformação da frase em duas (colocando um ponto final antes de “mas”) não é possível
* *Tem pessoas que cuidam. Mas nem tanto.*
- c) a presença da negação na primeira parte da frase é necessária: discordando dos estudiosos apresentados neste trabalho, neste exemplo não existe negação na oração que antecede o “mas”; porém existe negação na oração anterior: [...] *também não são todos que poluem, tem pessoas que cuidam, mas nem tanto;*
- d) a transformação da frase declarativa em interrogativa é possível apenas modificando a pontuação final (a pergunta incidindo sobre a frase como um todo)
Tem pessoas que cuidam, mas nem tanto?
- e) o encadeamento do texto com “creio que” deve mostrar que a frase é tomada como um todo, então
Creio que tem pessoas que cuidam, mas nem tanto.
mostra que ao mesmo tempo crê que há pessoas que cuidam e crê que essas pessoas não cuidam tanto (= muito);

- f) a divisão da frase em duas partes, como se fosse um diálogo não é razoável
 * *Locutor 1 – Tem pessoas que cuidam.*
Locutor 2 – Mas nem tanto.
- g) a divisão entonacional no interior da frase se dá antes da conjunção;
 note-se a possibilidade de: *Tem pessoas que cuidam / mas nem tanto.*
 e a impossibilidade de: * *Tem pessoas que cuidam mas / nem tanto.*
- h) a correlação dos modos verbais existe, ou seja, a mobilidade modal é correspondente e existe concordância modal entre as orações,
 em *tem pessoas que cuidam, mas nem (cuidam) tanto* aparece o modo indicativo expresso na primeira parte, e o modo indicativo subentendido na segunda parte ligado a uma forma nominal no particípio.

Texto 2

O meio ambiente esta muito mal cuidado, pessoas tocam lixo no mato, nas ruas, o meio ambiente ta cada dia mais sujo, as pessoas não compreendem que lixo se coloca no lixo não nas ruas, matos e etc...

Tem pessoas que cuidam mais infelizmente são poucas as que cuidam do meio ambiente, cuidam por 2 pessoas mais não adianta muito, 90% não cuida e 10% cuida talvez não chegue nem 10% uns 7% no máximo, as pessoas que não cuidam não sabem que isso acaba com o mundo, que faz as pessoas terem menos tempo.

O primeiro parágrafo do texto mostra que as pessoas, de modo geral, não cuidam do meio ambiente. O segundo parágrafo inicia amenizando a generalização anterior com um argumento ao qual o locutor não adere “Tem pessoas que cuidam” (conclusão: algumas pessoas cuidam do meio ambiente), para logo em seguida ponderar e dizer o que realmente acha “mais infelizmente são poucas as que cuidam do meio ambiente” (conclusão: poucas pessoas cuidam do meio ambiente). Essa questão “algumas pessoas cuidam *versus* poucas pessoas cuidam” revela um contraste entre duas ideias. Inicialmente poder-se-ia pensar “que bom, algumas pessoas cuidam do meio ambiente”, mas, então, vem a quebra da expectativa gerada com “mais infelizmente são poucas as que cuidam do meio ambiente”.

Então, o autor retoma o mesmo pensamento, dizendo que “cuidam por 2 pessoas” (portanto há quem cuide do meio ambiente), “mais não adianta muito, 90% não cuida...” (conclusão: há quem cuide do meio ambiente, mas são poucos) e continua preenchendo o espaço do texto com percentuais não comprovados (ou seja, tentando conferir um aspecto de objetividade e cientificidade ao texto, por meio de um pretense raciocínio por autoridade).

A argumentação está presente no ato discursivo em que se pretende persuadir o interlocutor a respeito de algo; e, em concordância com Pécora (1999, p. 96), a dissertação é o lugar em que a

argumentação se manifesta de forma mais típica. No texto 4, a argumentação leva à conclusão genérica de que “há quem cuide do meio ambiente, mas são poucos”, mas poderia apresentar denúncia ou proposta de solução para o problema. O que acontece é simplesmente um alerta (com noções confusas): “mais não adianta muito, 90% não cuida e 10% cuida... as pessoas que não cuidam não sabem que isso acaba com o mundo, que faz as pessoas terem menos tempo”.

Análise das características de “masPA”, conforme Koch e Guimarães:

- a) a inversão das orações não é possível
 - * *Mais infelizmente são poucas as que cuidam do meio ambiente, tem pessoas que cuidam.*
- b) a divisão da frase em duas colocando um ponto final antes do “mas” é comum, também é possível um “mas” desse tipo introduzir todo um parágrafo que se opõe a um parágrafo anterior, portanto seria possível escrever
 - Tem pessoas que cuidam. Mais infelizmente são poucas as que cuidam do meio ambiente.*
- c) a transformação em frase interrogativa não é possível, pois sua resposta não fará sentido;
 - * *Tem pessoas que cuidam mais infelizmente são poucas as que cuidam do meio ambiente?*
- d) o modo de encadeamento no texto com “creio que” mostra que as orações são tomadas separadamente, pois o “creio que” incide apenas sobre a primeira oração;
 - em creio que tem pessoas que cuidam mais infelizmente são poucas as que cuidam do meio ambiente* é possível constatar que “creio que” refere-se somente à primeira oração;
- e) a divisão para dois locutores numa conversa é possível;
 - Locutor 1 – Tem pessoas que cuidam.*
 - Locutor 2 – Mais infelizmente são poucas as que cuidam do meio ambiente.*
- f) a divisão entonacional no interior da frase é possível, pois são dois grupos prosódicos que coincidem com as orações, a divisão entonacional se dá antes da conjunção, note-se a possibilidade de: *Tem pessoas que cuidam / mais infelizmente são poucas as que cuidam do meio ambiente.*
 - e a impossibilidade de: * *Tem pessoas que cuidam mais / infelizmente são poucas as que cuidam do meio ambiente.*
- g) a concordância dos modos verbais não é necessária, mas existe neste texto (modo indicativo): *tem... cuidam... cuidam.*

Texto 3

Na minha opinião eu acho que tem tanta gente no mundo, mais pra cuidar, é só a metade que pelo menos demonstra que se importa com a poluição e o meio ambiente.

[...]

Neste fragmento o autor contrapõe a existência de “tanta gente” com “mais pra cuidar, é só a metade”. Esse é um contraste que realça o que o locutor deseja dizer (que são poucos os que se preocupam com a poluição), mas o argumento apresenta uma noção semiformalizada, pois não fornece dados concretos sobre a quantidade de gente preocupada com a poluição do meio ambiente, o que gera uma informação genérica, que não acrescenta informatividade ao texto.

Análise das características de “masPA”:

a) a inversão das orações não é possível

** Mais pra cuidar, é só a metade, eu acho que tem tanta gente no mundo.*

b) a divisão da frase em duas colocando um ponto final antes do “mas” é comum, também é possível um “mas” desse tipo introduzir todo um parágrafo que se opõe a um parágrafo anterior

Eu acho que tem tanta gente no mundo. Mais pra cuidar é só a metade.

c) a transformação em frase interrogativa não é possível, pois sua resposta não fará sentido

** Eu acho que tem tanta gente no mundo, mais pra cuidar é só a metade?*

d) o modo de encadeamento no texto com “creio que” mostra que as orações são tomadas separadamente, pois o “creio que” incide apenas sobre a primeira oração, em *creio que (= eu acho que) tem tanta gente no mundo, mais pra cuidar é só a metade* constata-se que “creio que” refere-se somente à primeira oração e, que aquilo que vem depois da conjunção “mas” é um comentário que se encadeia à primeira oração;

e) a divisão para dois locutores numa conversa é possível

Locutor 1 – Eu acho que tem tanta gente no mundo.

Locutor 2 – Mais pra cuidar é só a metade.

f) a divisão entonacional no interior da frase é possível, pois são dois grupos prosódicos que coincidem com as orações, a divisão entonacional se dá antes da conjunção, note-se a possibilidade de: *Eu acho que tem tanta gente no mundo / mais pra cuidar é só a metade.*

e a impossibilidade de: * *Eu acho que tem tanta gente no mundo mais / pra cuidar é só a metade.*

Texto 4

No mundo está acontecendo muitas coisas de ruim com o meio ambiente. Muitas gentes andam cortando muitas árvores, poluindo os arroios, rios, lagos, mares e oceanas, e por causa disso o mundo está ficando cada vez pior. Porque tem gente que não toca lixo nos rios, mas bota fogo no lixo que também não é certo. A fumaça faz mal a quem chera por causa que é tóxica. Por causa disso, botando fogo nas árvores ou em lixos ou em outras coisas, fazem mal para o aquecimento global. Essa fumaça toda faz com que o aquecimento global vá aumentando o calor. E isso é ruim, porque [...]

Neste fragmento, o “mas” não contrapõe nenhum argumento à assertiva que lhe antecede, o “mas”, na verdade, redireciona o foco da argumentação em curso (da poluição do rio para a poluição causada pela fumaça). Essa nova informação, introduzida pelo “masPA”, mantém a orientação argumentativa apresentada na primeira frase do texto. Então, no embate entre o argumento possível (“tem gente que não toca lixo nos rios”) e o argumento decisivo (tem gente que “bota fogo no lixo”), destaca-se a intenção do autor em falar sobre a poluição causada pela fumaça.

Análise das características de “masPA”:

a) a inversão das orações não é possível;

* *Mas bota fogo no lixo que também não é certo, tem gente que não toca lixo nos rios.*

b) a divisão da frase em duas colocando um ponto final antes do “mas” é comum, também é possível um “mas” desse tipo introduzir todo um parágrafo que se opõe a um parágrafo anterior;

Tem gente que não toca lixo nos rios. Mas bota fogo no lixo que também não é certo.

c) a transformação em frase interrogativa não é possível, pois sua resposta não fará sentido;

* *Tem gente que não toca lixo nos rios, mas bota fogo no lixo que também não é certo?*

d) o modo de encadeamento no texto com “creio que” mostra que as orações são tomadas separadamente, pois o “creio que” incide apenas sobre a primeira oração, em *creio que tem gente que não toca lixo nos rios, mas bota fogo no lixo que também não é certo*, percebe-se que “creio que” refere-se à primeira oração, sendo a segunda apenas um comentário da primeira oração;

e) a divisão para dois locutores numa conversa é possível;

Locutor 1 – Tem gente que não toca lixo nos rios.

Locutor 2 – Mas bota fogo no lixo que também não é certo.

- f) a divisão entonacional no interior da frase é possível, pois são dois grupos prosódicos que coincidem com as orações, a divisão entonacional se dá antes da conjunção; note-se a possibilidade de: *Tem gente que não toca lixo nos rios / mas bota fogo no lixo que também não é certo.*
e a impossibilidade de: * *Tem gente que não toca lixo nos rios, mas / bota fogo no lixo que também não é certo.*

Texto 5

O nosso mundo precisa muito melhorar porq antes era ruim mais agora está passando dos limites porq agora tem desmoronamentos, poluição etc...

E o pior é que tudo que está ruim e vai ficar é tudo nossa culpa [...]

O argumento polifonicamente introduzido “O nosso mundo precisa muito melhorar porq antes era ruim” é genérico e não explica nem quando era esse “antes”, nem o que era ruim. O trecho introduzido pelo “masPA” não contrapõe nenhum argumento à assertiva que lhe antecede; neste caso, o “mas” redireciona o foco da argumentação que já estava em curso (se antes era ruim, agora está pior ainda: “está passando dos limites”).

Características de “masPA”:

- a) a inversão das orações não é possível
* *Mais agora está passando dos limites, o nosso mundo precisa muito melhorar porq antes era ruim.*
- b) a divisão da frase em duas colocando um ponto final antes do “mas” é comum, também é possível
O nosso mundo precisa muito melhorar porq antes era ruim. Mais agora está passando dos limites
- c) a transformação em frase interrogativa não é possível, pois sua resposta não fará sentido (como são duas orações, uma é o tema e a outra é o comentário a respeito do tema)
* *O nosso mundo precisa muito melhorar porq antes era ruim mais agora está passando dos limites?*
- d) o modo de encadeamento no texto com “creio que” mostra que as orações são tomadas separadamente, pois o “creio que” incide apenas sobre a primeira oração,

em *creio que o nosso mundo precisa muito melhorar porq antes era ruim mais agora está passando dos limites*, percebe-se que “creio que” refere-se à primeira oração, sendo a segunda apenas um comentário da primeira oração;

- e) a divisão para dois locutores numa conversa é possível

Locutor 1 – O nosso mundo precisa muito melhorar porq antes era ruim.

Locutor 2 – Mais agora está passando dos limites.

- f) a divisão entonacional no interior da frase é possível, pois são dois grupos prosódicos que coincidem com as orações, a divisão entonacional se dá antes da conjunção (observação: tema e comentário ficam em diferentes grupos entonacionais)

note-se a possibilidade de: *O nosso mundo precisa muito melhorar porq antes era ruim / mais agora está passando dos limites.*

e a impossibilidade de: * *O nosso mundo precisa muito melhorar porq antes era ruim mais / agora está passando dos limites.*

Nos textos analisados verifica-se que frase construída por duas orações ligadas por “masPA” não pode ser tomada como um todo, porque o modo de encadeamento do texto, o alcance da pergunta e da negação só incidem sobre a primeira oração.

Também foi possível verificar que os alunos utilizaram o “mas” argumentativo, porém os argumentos não oferecem provas específicas que sejam frutos de reflexão e postura pessoais sobre o tema proposto, isto é, não demonstram nem uma análise aprofundada sobre o tema, nem um esforço de observação mais atenta (como escreveram em casa, os alunos poderiam ter recorrido a textos trabalhados em aula, pesquisado na internet ou buscado subsídios na biblioteca escolar, a fim de, por exemplo, mencionar dados estatísticos, fazer citações, realizar comparações etc.). Com isso, foram constatados vários problemas na argumentação, tais como imprecisões, estratégias de preenchimento de espaço e generalizações.

Talvez a dificuldade de utilizar argumentos capazes de sustentar uma posição consiga ser explicada pela pouca idade (13 a 15 anos) dos alunos ou pelo baixo nível socioeconômico a que pertencem. A esse respeito, outras pesquisas poderiam surgir com a ampliação do *corpus*, por exemplo, com a inclusão de alunos de outras faixas etárias ou de outros contextos socioeconômicos.

O assunto proposto para as produções textuais era (ou deveria ser) conhecido pelos alunos. Faltaram subsídios para quem escreveu? Possivelmente. É importante destacar a importância do texto como objeto central do ensino, por isso é essencial que sejam priorizadas as atividades de leitura e de produção textual, pois elas contribuem para melhorar o

desempenho do aluno, levando-o a refletir: sobre os recursos que interferem na construção do texto, sobre a adequação textual e sobre o funcionamento da língua nas diferentes situações de interação verbal. Para aperfeiçoar a produção dos alunos poderiam ser propostos interlocutores ou contextos mais interessantes, trabalhadas as conjunções, realizados estudos de outros textos para posterior autoavaliação e autocorreção, etc., mas isso não é assunto para este trabalho.

Considerações Finais

Neste estudo sobre as conjunções adversativas foram considerados desde gramáticos tradicionais até linguistas da atualidade. Depois do levantamento, foram analisados textos de alunos do final do Ensino Fundamental. Inicialmente, partiu-se do pressuposto de que as conjunções adversativas são: “mas”, “porém”, “contudo”, “todavia”, “entretanto”, “no entanto”. Foi imaginado que seriam encontrados nos textos: “mas”, “mais” e “só que”. A primeira surpresa é que não foi encontrado nenhum “só que” (muito falado pelos alunos). A segunda surpresa é que estudos atuais apresentam como sendo advérbios aquele tão bem decorado “porém”, “contudo”, “todavia”, “entretanto”, “no entanto”. Então, este trabalho tornou-se um estudo sobre o “mas”.

Os gramáticos tradicionais concentram seus estudos nas relações intrafrásticas. Eles se preocupam com as estruturas de coordenação e subordinação e consideram a conjunção um mero “elo” de ligação; basicamente, o assunto limita-se à classificação dos períodos e a listas de conjunções. Dentre os gramáticos tradicionais aqui estudados, é interessante salientar que Cunha e Cintra (1985) comentam a respeito dos valores particulares que podem assumir as conjunções “e” e “mas”. Por sua vez, os gramáticos mais modernos, mais sintonizados com os avanços da linguística, divulgam questionamentos a respeito da forma tradicional de análise e deixam de recorrer a abonações literárias, se concentrando no que é próprio do português brasileiro contemporâneo. Com isso, trazem um estudo mais acurado sobre as conjunções; a começar pela afirmação de que apenas o “mas” é a verdadeira conjunção adversativa.

Os linguistas têm se dedicado às relações interfrásticas. As conjunções deixam de ser consideradas como meros elementos relacionais responsáveis pela oposição entre segmentos e passam a ser tratadas como elementos que colaboram com a progressão do texto. Assim, tem-se que, em uma análise do discurso, nada é mais eficiente do que a adversativa para que seja “invadida” a mente do locutor, a fim de que sejam descobertas suas opiniões.

O “mas” se relaciona de forma diferenciada com a estrutura precedente (essa estrutura pode ser um sintagma, uma oração ou um trecho). É passível de destaque o fato de que o “mas” possui valores semânticos variados, tendo sido encontrados no *corpus* sua utilização: como meio de focalização (trazendo uma nova informação), como forma de atenuar um pressuposto mencionado e dando a ideia de contraste ao quebrar uma expectativa.

Além disso, todos os exemplos de “mas” utilizados no *corpus* puderam ser analisados conforme os estudos argumentativos de Koch e Guimarães (baseados em Ducrot), que consideram a existência de dois tipos de “mas”: o “masSN” que tem função opositiva e que não permite uma descrição polifônica, e o “masPA” que apresenta função argumentativa e que permite uma descrição polifônica. O “masPA” colabora com a progressão do texto, orientando para uma conclusão não esperada inicialmente; com isso, fortalece essa conclusão, imprimindo maior força argumentativa a ela na tentativa de convencer o interlocutor a aderir a sua nova proposta. É preciso evidenciar que muito trabalho pode ser realizado a fim de que os alunos das séries finais consigam utilizar argumentos consistentes capazes de sustentar um ponto de vista.

Conforme o que foi estudado, pode-se atestar que a descrição tradicional do “mas” não é mais suficiente. É necessário levar em conta seu papel como operador do discurso e analisar a sua influência na coesão e na coerência do texto.

Referências

AZEREDO, J. C. de. **Gramática Houaiss**. 3. ed. 1. reimpr. São Paulo: Publifolha, 2011.

BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

GARCIA, O. **Comunicação em Prosa Moderna**. 13. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986.

GUIMARÃES, E. **Texto & Argumentação**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

KOCH, I. G. V. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 1989.

_____. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 1984.

_____. **A inter-ação pela linguagem**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

LIMA, R. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 34. ed. (retocada e enriquecida). Rio de Janeiro: José Olimpo, 1972.

LUFT, C. P. **Moderna gramática brasileira**. 14. ed. São Paulo: Globo, 2000.

PÉCORRA, A. **Problemas de redação**. 5. ed. 2. tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VAL, M. da G. C. **Redação e textualidade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

XAVIER, A. C. Trajetória e legado de um filósofo da linguagem: entrevista com Oswald Ducrot. **Revista Investigações da Universidade Federal de Pernambuco**, vol. 25, nº 2, julho. 2012. Disponível em: <http://www.revistainvestigacoes.com.br/Volumes/Vol.25.N2/Investigacoes-25N2_Antonio-Carlos-Xavier.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2014.